

Das páginas da fome ao fone: podcast como prática crítica de formação docente em Letras EaD

Dênis Moura de Quadros¹

Resumo: A formação de professores na modalidade a distância enfrenta o desafio de conciliar democratização do acesso ao ensino superior com qualidade acadêmica. Turmas numerosas, altos índices de evasão e a tendência à padronização de conteúdos fragilizam a mediação docente e ameaçam a especificidade da licenciatura em Letras. Este artigo problematiza essa realidade a partir da análise de uma prática pedagógica realizada na disciplina de Literaturas Lusófonas, em um curso de Letras EaD de uma universidade pública. A proposta consistiu na leitura integral da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, e na produção de podcasts de 5 a 10 minutos, atividade que buscou articular aspectos literários, sociais e históricos da obra com a autoria e a multimodalidade dos estudantes. Com apoio nos referenciais de Paulo Freire (2019), Roxane Rojo (2009), Michèle Petit (2019) e Teresa Colomer (2007), discutem-se os resultados obtidos: dos 57 trabalhos analisados, emergiram perfis que variaram da resenha descritiva à criação artística, revelando diferentes níveis de apropriação crítica. Conclui-se que, apesar das limitações estruturais da EaD, práticas como o podcast podem constituir espaços de diálogo e autoria, contribuindo para a formação crítica e criativa de futuros professores.

Palavras-chave: Formação docente. Educação a distância. Letramento literário. Podcast.

From the Pages of Hunger to the Headphones: Podcast as a Critical Teacher Education Practice in a Distance Learning Letters Program

Abstract: Teacher education in distance learning faces the challenge of reconciling the democratization of access to higher education with academic quality. Large classes, high dropout rates, and the tendency toward standardized content weaken teacher mediation and threaten the specificity of language and literature degrees. This article addresses this issue through the analysis of a pedagogical practice carried out in the discipline of Lusophone Literatures, within a public university's distance learning Letters program. The proposal consisted of the full reading of *Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus* (1960) and the production of 5- to 10-minute podcasts, in which students articulated literary, social, and historical aspects of the work while engaging in multimodal authorship. Drawing on Paulo Freire (2019), Roxane Rojo (2009), Michèle Petit (2019), and Teresa Colomer (2007), the study discusses the results: among the 57 podcasts analyzed, profiles ranged from descriptive reviews to artistic creations, reflecting different levels of critical appropriation. The findings suggest that, despite the structural

¹ Professor adjunto na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), doutor em Letras, área de concentração História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5733-6857>. E-mail: denisquadros@unipampa.edu.br.

limitations of distance education, practices such as podcasting can create spaces for dialogue and authorship, thereby contributing to the critical and creative formation of future teachers.

Keywords: Teacher education. Distance learning. Literary literacy. Podcast.

Considerações iniciais

A formação de professores de Letras no Brasil tem sido atravessada por contradições profundas. Se, por um lado, a expansão do ensino superior abriu novas possibilidades de acesso e democratização do saber, por outro, a lógica neoliberal das políticas educacionais tem imposto à docência um cenário de precarização, flexibilização e constante insegurança. Nesse contexto, o ensino a distância (EaD) ocupa lugar paradoxal: simultaneamente dispositivo de inclusão e espaço de fragilização do trabalho pedagógico. O recente marco regulatório do Ministério da Educação, Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024, que impede que cursos de licenciatura sejam ofertados 100% na modalidade EaD, inscreve-se nesse debate, revelando a tensão entre o direito ao acesso e a necessidade de práticas formativas de qualidade.

É nesse terreno de disputas que se insere a experiência aqui analisada: uma atividade didática desenvolvida com estudantes de Letras – Licenciatura EaD, em que a leitura integral de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, foi ponto central para a produção de podcasts. A escolha da obra não foi casual: escrita no coração da favela, em meio à fome e à exclusão, ela se converteu em documento literário e histórico de denúncia, cuja potência crítica continua a ecoar mais de seis décadas após sua publicação. Das páginas em que Carolina escrevia sobre a fome à escuta digital de um podcast produzido por futuros professores, estabelece-se um arco simbólico que une passado e presente, livro e tecnologia, denúncia social e formação docente.

A atividade, inspirada por uma concepção de ensino que entende a literatura como prática de letramentos múltiplos (Rojo, 2009), de leitura do mundo como condição da leitura da palavra (Freire, 1987), de encontro existencial com os textos (Petit, 2019) e de formação leitora crítica e mediada (Colomer, 2007), propôs-se a ir além da mera análise estética da obra. Tratou-se, antes, de produzir um gesto formativo em que os alunos pudessem experimentar a literatura como espaço de resistência, diálogo e criação, atravessando fronteiras entre suportes, linguagens e práticas pedagógicas.

Este artigo, portanto, tem como objetivo analisar de que modo a atividade de produção de podcast constituiu-se como prática de formação crítica docente em Letras EaD, destacando as tensões e possibilidades dessa experiência no interior de um cenário educacional marcado por contradições. Assim, ao entrelaçar literatura, tecnologia e formação crítica, a experiência aqui relatada pretende evidenciar como práticas inovadoras — como a produção de podcasts a partir de leituras integrais — podem tensionar os limites do EaD e afirmar a formação inicial de docentes de Língua Portuguesa e Literatura como espaço de resistência, diálogo e transformação.

Formação docente em tempos de neoliberalismo

A formação docente no Brasil encontra-se tensionada por uma conjuntura marcada pela lógica neoliberal, que incide sobre as políticas públicas de educação e sobre a própria concepção de ensino. A ênfase em métricas de produtividade, flexibilidade e adaptação ao mercado tem reduzido a docência a um espaço de constante precarização, onde o professor é instado a ser polivalente, eficiente e competitivo, em detrimento de sua função formadora crítica. Nesse cenário, a formação inicial e continuada corre o risco de ser esvaziada de seu compromisso social, transformando-se em mero treinamento técnico para atender às demandas do capital.

Paulo Freire (2019) já advertia que a educação não pode se restringir à transmissão de conteúdo ou à adequação dos sujeitos às engrenagens de um sistema injusto; ao contrário, deve constituir-se como prática de liberdade e como possibilidade de leitura crítica do mundo. A crítica freireana à “educação bancária” mantém sua pertinência diante das atuais reformas educacionais, que muitas vezes reduzem a formação docente a protocolos de competências e resultados quantificáveis.

Como lembra Paulo Freire (2019, p. 91), “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens”. No ensino a distância, essa afirmação adquire contornos singulares: o diálogo precisa atravessar as telas, vencer a frieza das plataformas e transformar o ambiente virtual em espaço de encontro humano. Não se trata apenas de trocar mensagens ou de cumprir tarefas, mas de instaurar uma prática pedagógica que reconheça a alteridade, a presença e a dignidade do outro, mesmo mediadas pela tecnologia.

Nesse sentido, Freire (2019, p. 87) enfatiza que “o professor já não é apenas o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos”. Essa concepção rompe com a ideia de educação bancária e ressoa fortemente nos cursos de EaD, que muitas vezes são reduzidos à lógica de depósito de conteúdos. Quando assumida em sua dimensão dialógica, a docência online não é mera transmissão, mas um processo interativo em que educador e educandos compartilham experiências, saberes e aprendizagens, crescendo juntos no exercício crítico da leitura e da escrita do mundo.

Se a educação a distância corre o risco de recair na armadilha da “educação bancária”, denunciada por Freire (2019, p. 80), reduzindo-se a meros depósitos de conteúdo em videoaulas e arquivos digitais, a produção de podcasts apresenta-se como alternativa dialógica. Nessa prática, desloca-se o foco da transmissão para a problematização: educador e educandos, “mediatizados pelo mundo” (Freire, 2019, p. 93) — aqui corporificado pela obra literária —, passam a construir coletivamente o conhecimento. O podcast, nesse sentido, não é apenas um recurso tecnológico, mas um exercício de superação da passividade, em que os futuros professores se tornam autores de suas leituras, sujeitos críticos e criativos do processo formativo.

Inserir tecnologia na sala de aula, adverte Marco Silva (2001), não é suficiente. É preciso promover uma mudança de paradigma: sair da lógica da transmissão e instaurar a lógica da interação. Essa perspectiva dialoga diretamente com a crítica freireana à educação bancária, pois tanto no presencial quanto no EaD, a mera circulação de conteúdos não garante aprendizagem significativa. O que se demanda é a criação de espaços de diálogo, colaboração e autoria, em que a tecnologia não seja instrumento de controle, mas de mediação e encontro.

Nesse horizonte, “o aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ele cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se co-autor” (Silva, 2001, p. 9). A produção de podcasts, nesse sentido, materializa os fundamentos da interatividade: primeiro, pela participação ativa, que se expressa na leitura pessoal e singular da obra literária; segundo, pela coautoria, já que os estudantes produzem coletivamente novas chaves de leitura; e terceiro, pela liberdade de associações multimodais, em que voz, entonação, ritmo e até trilhas sonoras ampliam o horizonte

interpretativo. O podcast torna-se, assim, um espaço de autoria e de criação compartilhada, em sintonia com a pedagogia do diálogo.

Entretanto, como lembra Silva (2001), grande parte da educação a distância ainda se pauta por uma lógica transmissiva, sustentada por Ambientes Virtuais de Aprendizagem estáticos, voltados ao depósito de materiais e à realização mecânica de tarefas. Essa configuração, além de limitar a experiência educativa, é particularmente problemática quando se trata da formação de futuros professores. Se o processo formativo é reduzido à passividade, o risco é formar docentes incapazes de mediar práticas interativas, perpetuando a lógica bancária que a própria EaD deveria superar.

No contexto neoliberal, a EaD corre o risco de se converter em um modelo de massificação do ensino, em que prevalece a lógica da escala sobre a qualidade. Multiplicam-se turmas com centenas de estudantes, enquanto o conteúdo, produzido por um professor ou por uma equipe pedagógica, é replicado à exaustão em diferentes polos e semestres. Essa racionalidade, que privilegia a padronização e a redução de custos, esvazia a mediação docente e transforma a prática educativa em um processo de mera gestão de plataformas. Ao invés de favorecer a formação crítica, tal configuração reforça a mercantilização da educação e reduz o professor a um executor de tarefas administrativas, afastando-o do diálogo e da interação que constituem o núcleo de uma prática emancipadora.

Roxane Rojo (2009) lembra que os letramentos não podem ser entendidos como habilidades neutras ou universais, mas como práticas sociais situadas em contextos culturais específicos. Nessa perspectiva, a leitura e a escrita são atravessadas por valores, vozes e relações de poder que moldam o modo como os sujeitos se posicionam no mundo. Por isso, “a escola de letramentos únicos, uma escola para poucos, não dá mais conta da complexidade e da diversidade das sociedades urbanas contemporâneas, multiculturais e pluriétnicas, e de suas demandas de letramentos múltiplos e complexos para a vida pública e privada” (Rojo, 2009, p. 115). A formação docente, portanto, exige práticas pedagógicas que dialoguem com essa pluralidade de linguagens e experiências.

É nesse horizonte que se insere a produção de podcasts com licenciandos de Letras. O podcast não é um fim em si mesmo, mas um meio para que os estudantes atuem como “arquitetos de significados”, mobilizando diferentes vozes, estilos e recursos

semióticos para ressignificar a obra literária. Ao deslocar o foco da escrita linear para a oralidade mediada pela tecnologia, a atividade favorece a autoria, a crítica e a recriação.

A comunicação contemporânea é, em sua essência, multimodal: combina textos, sons, imagens, gestos e performances em diferentes suportes. O podcast, ao explorar a oralidade em diálogo com a literatura, aproxima-se dessa lógica e expande o repertório formativo dos futuros professores, convidando-os a transitar entre diferentes linguagens e a conceber a docência como prática de mediação criativa.

O ensino de leitura e a partilha do literário

Se as contribuições de Rojo (2009) e Silva (2001) oferecem a fundamentação metodológica e comunicacional, e Freire (2019) provê o respaldo político, a perspectiva de Michèle Petit (2019) possibilita compreender a produção de um podcast em sua dimensão antropológica mais profunda. Trata-se, portanto, de um rito de transmissão cultural, que ultrapassa a mera execução de uma tarefa acadêmica. Ao tornarem audível o seu “espaço potencial” de leitura, os licenciandos realizam a elaboração subjetiva da obra e, ao compartilharem essa criação, assumem o papel de mediadores culturais. Por meio dos fios da narrativa sonora, eles constroem uma nova trama de significados que os conecta à obra, entre si e a um público potencial, transformando a experiência individual da leitura em um ato coletivo de fruição estética e resistência cultural. Desse modo, forma-se não apenas um professor tecnicamente qualificado, mas também um sujeito leitor, sensível e capaz de promover encontros transformadores entre literatura e mundo.

Essa dimensão da leitura reforça a ideia de que ela constitui o sujeito, permitindo-lhe elaborar sua história íntima e apropriar-se do mundo de maneira singular (Petit, 2019, p. 43). Longe de se tratar de um consumo passivo, a leitura configura-se como um trabalho ativo de interpretação, em que cada leitor, com sua trajetória e experiências, constrói sentidos e atribui significados próprios à obra. Ao compartilhar essas interpretações, o estudante não apenas dialoga com o texto, mas também se engaja na construção de um espaço coletivo de fruição estética e reflexão crítica, ampliando a função social e cultural da leitura.

Transmitir conhecimento, nesse contexto, deixa de ser imposição de saberes e transforma-se em tecelagem de significações que possibilitam ao outro apropriar-se delas para dar sentido à própria existência (Petit, 2019, p. 112). A produção de podcasts, debates

e leituras compartilhadas exemplifica esse processo: os licenciandos tornam-se mediadores culturais que, ao expressarem seu “espaço potencial” de leitura, contribuem para a criação de novas redes de sentido entre obra, leitor e público. Assim, o ensino de leitura articula a formação técnica do professor à construção de sujeitos leitores, capazes de interagir criticamente com o mundo e de promover encontros transformadores entre literatura, cultura e vida cotidiana.

A perspectiva de Petit (2019) evidencia ainda que a leitura não se limita à decodificação textual; ela constitui um espaço de experiência estética e de constituição subjetiva. Ao interagir com a obra, o leitor não apenas interpreta símbolos e narrativas, mas também negocia sua própria memória, afetos e experiências, articulando-as à materialidade do texto. Esse movimento de apropriação transforma a leitura em um ato de criação, em que sentido e experiência se entrelaçam, e a obra deixa de ser um objeto isolado para se tornar parte de um processo de vida compartilhado.

Nesse sentido, o ato de ler adquire uma dimensão ética e relacional. Ensinar leitura/literatura, para Petit (2019), significa criar condições para que o outro se engaje ativamente no processo interpretativo, respeitando sua singularidade e promovendo a construção de sentidos próprios. O professor, nesse contexto, deixa de ser mero transmissor de conteúdo (educação bancária) e torna-se facilitador de experiências interpretativas, incentivando a co-criação de significados e fortalecendo a dimensão comunitária da leitura. Assim, a leitura torna-se simultaneamente prática individual e ato de mediação cultural, permitindo que o conhecimento literário se transforme em experiência de vida e em instrumento de resistência simbólica.

Enquanto Michèle Petit ilumina a dimensão subjetiva da leitura, Tereza Colomer fornece o ferramental didático para que essa experiência se concretize no espaço escolar e acadêmico. A proposta do podcast alinha-se perfeitamente aos princípios de Colomer (2007, p. 27) ao buscar criar uma 'micro-sociedade leitora' dentro da disciplina, onde a leitura da obra integral ganha um propósito social claro. A atividade estrutura-se como uma sequência didática cujo produto final – o podcast – exige um mergulho interpretativo que vai muito além da leitura superficial. Ao transpor a obra para uma nova linguagem, os licenciandos praticam na pele uma estratégia eficaz de ensino de literatura, apropriando-se de um repertório que lhes permitirá, no futuro, fazer seus próprios alunos 'andarem entre livros' de forma mais crítica, criativa e significativa.

O objetivo desse tipo de atividade reflete exatamente a concepção de Teresa Colomer (2007) de que "o objetivo do ensino literário não é que os alunos aprendam uma relação utilitária com a leitura, mas que descubram o que a literatura pode significar em suas vidas" (Colomer, 2007, p. 15). O podcast, ao colocar os licenciandos no papel de mediadores culturais e produtores de sentido, permite que a obra deixe de ser um objeto distante e passe a integrar suas experiências e repertório pessoal, tornando a leitura um processo vivo, relevante e transformador.

Além disso, a prática promove o que a professora espanhola define como diálogo entre textos e leitores: "Ler é estabelecer um diálogo entre o texto e as experiências e conhecimentos do leitor, mas também entre esse texto e outros textos lidos" (Colomer, 2008, p. 89). Ao relacionar a obra estudada com suas próprias vivências e com outros materiais literários, os licenciandos ampliam a compreensão da literatura como rede de sentidos e possibilidades interpretativas. Essa articulação entre experiência subjetiva e construção coletiva de significados faz do ensino de literatura não apenas uma atividade cognitiva, mas um espaço de formação de leitores críticos, criativos e socialmente engajados.

A formação docente em um curso EaD

Na oferta da disciplina de Literaturas Lusófonas, havia 74 estudantes matriculados. Contudo, apenas 57 concluíram a atividade avaliativa, o que revela um índice significativo de evasão. Essa discrepância não é incomum em cursos a distância, nos quais a ausência de controle de frequência, somada às condições de trabalho e vida dos estudantes, favorece a desistência parcial ou total. Ao mesmo tempo, ela evidencia os limites de uma modalidade que, ao privilegiar turmas numerosas, corre o risco de enfraquecer o acompanhamento individualizado e a mediação docente, essenciais na formação de futuros professores.

A diversidade geográfica dos 57 estudantes que realizaram a atividade também é reveladora. Foram identificados 11 oriundos da própria região Sul, 11 do Sudeste, 1 do Norte e 18 do Nordeste, além de 16 que não informaram sua localização. Esses números demonstram como a EaD rompe fronteiras territoriais e possibilita o acesso de sujeitos das mais diversas origens, ampliando o alcance da universidade pública. Ao mesmo tempo, a heterogeneidade impõe desafios adicionais: diferentes contextos culturais e

socioeconômicos atravessam a experiência formativa, exigindo práticas pedagógicas que dialoguem com essa pluralidade e não se restrinjam a uma perspectiva homogênea.

A dimensão numérica das turmas em EaD impõe um desafio concreto à mediação pedagógica. Qualquer atividade que envolva a leitura atenta de textos produzidos pelos estudantes, ou, como neste caso, a escuta de áudios, exige tempo, concentração e disponibilidade que extrapolam a carga de trabalho formalmente prevista. Para o professor que, além da EaD, também atua em turmas presenciais, a sobreposição de demandas torna-se ainda mais pesada. A quantidade de alunos dificulta o acompanhamento individualizado, que é condição para uma prática dialógica e formativa. Assim, a lógica das turmas numerosas na EaD, muitas vezes justificadas pela ideia de democratização e expansão do acesso, acaba produzindo o efeito contrário: sobrecarrega o docente, fragiliza o processo de mediação e ameaça a qualidade da formação oferecida.

No total, os 57 áudios enviados pelos estudantes somaram 6 horas, 31 minutos e 23 segundos de escuta, o que por si só revela a intensidade da tarefa avaliativa. Para além da escuta atenta, cada podcast exigia do professor anotações, comparações e reflexões para compor a avaliação segundo os critérios estabelecidos — uma demanda que se torna particularmente difícil quando somada à atuação em turmas presenciais. Essa carga de trabalho explicita os limites da EaD massificada, em que a quantidade de alunos compromete o acompanhamento formativo individualizado.

A análise do material possibilitou a organização dos podcasts em diferentes perfis de produção. Do total, 15 estudantes (26,3%) realizaram uma resenha, cumprindo minimamente a tarefa proposta; 27 estudantes (47,4%) produziram uma resenha crítica, articulando aspectos literários, sociais e históricos da obra; 11 estudantes (19,3%) optaram por um registro de caráter pessoal-confessional, revelando experiências de vida relacionadas ao conteúdo do livro; 3 estudantes (5,2%) exploraram a via artística, experimentando performances e recursos expressivos; e apenas 1 estudante (1,7%) apresentou um trabalho híbrido, combinando elementos da crítica com aspectos artísticos. Além disso, 4 trabalhos utilizaram músicas e 9 recorreram a vozes sintetizadas por inteligência artificial, recursos que ampliam a multimodalidade da proposta.

O primeiro grupo corresponde aos estudantes que realizaram uma resenha básica da obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (1960). Esses 15 podcasts limitaram-

se a apresentar o enredo, os personagens centrais e o contexto social descrito por Carolina Maria de Jesus, sem avançar significativamente para a problematização. Cumpriram a tarefa, mas de modo ainda preso a uma lógica escolar tradicional, em que a atividade é vista como “resposta” a uma exigência. Embora esse tipo de produção revele uma leitura atenta, deixa em aberto o potencial crítico da obra, reduzindo-a a um resumo oral. Esse perfil mostra como muitos estudantes da EaD ainda se vinculam à tradição da “escola dos letramentos únicos” (Rojo, 2009), em que se privilegia a reprodução em vez da reflexão.

A maioria dos estudantes produziu podcasts com caráter crítico, articulando elementos literários, sociais e históricos da obra. Nesses 27 trabalhos, a obra de Carolina de Jesus foi lida como denúncia da desigualdade, como expressão da resistência feminina e negra, além da afirmação dos diários como obra literária de relevância na história cultural brasileira. Os estudantes mobilizaram argumentos, estabeleceram relações com discussões da disciplina e, em alguns casos, trouxeram paralelos com a realidade social atual. Esse perfil é especialmente significativo, pois demonstra que a atividade cumpriu sua função formativa: ao propor um gênero multimodal, abriu espaço para que os licenciandos se posicionassem criticamente, atuando como futuros mediadores literários. Aqui, observa-se a passagem da lógica da transmissão para a lógica da interação (Silva, 2001), em que os alunos se tornam coautores de significados.

Um grupo menor de três estudantes explorou a dimensão artística do podcast. Eles buscaram recriar a atmosfera da obra por meio de entonação, pausas dramáticas, recursos sonoros e até mesmo performances mais elaboradas. Ainda que representem apenas 5,2% da turma, esses trabalhos sinalizam a potência criativa do formato: o podcast deixa de ser mera ferramenta avaliativa para tornar-se espaço de experimentação estética. Aqui, o estudante se arrisca a produzir uma leitura literária que é, ao mesmo tempo, crítica e sensível, operando na fronteira entre análise e criação.

Por fim, um único estudante apresentou um trabalho híbrido, combinando elementos de resenha crítica com recursos artísticos. Esse podcast se destacou pela tentativa de articular o rigor da análise com a expressividade da performance, produzindo uma leitura multimodal que amplia a compreensão da obra e a torna experiência estética compartilhada. Embora isolado, esse perfil aponta para caminhos possíveis na formação docente em Letras: pensar a literatura não apenas como objeto de análise, mas também como prática viva, performática e criadora.

A diversidade dos perfis evidencia a pluralidade de modos de ler e de se posicionar diante de *Quarto de despejo*. Se, de um lado, parte da turma ainda reproduz práticas mais tradicionais, limitadas ao resumo e à descrição, de outro, a maioria avançou para leituras críticas, pessoais ou mesmo artísticas, demonstrando a potência formativa da proposta. A tarefa não apenas revelou diferentes níveis de apropriação da obra, mas também expôs como a EaD, quando articulada a metodologias criativas, pode estimular estudantes a se reconhecerem como sujeitos ativos do processo educativo. Ao mesmo tempo, a sobrecarga docente na escuta e avaliação desse material reafirma o dilema estrutural: turmas numerosas, característica recorrente na EaD, fragilizam a qualidade da mediação e exigem esforços desproporcionais. O conjunto das produções, contudo, mostra que práticas como o podcast permitem tensionar esse modelo, formando futuros professores que leem criticamente, relacionam literatura e vida, e experimentam novas linguagens de expressão.

A análise das produções indica que o uso do podcast como prática formativa ultrapassa o caráter de simples atividade avaliativa. Ao se apropriarem de um gênero contemporâneo e multimodal, os estudantes exercitaram não apenas a leitura crítica da obra de Carolina Maria de Jesus, mas também a autoria, a oralidade e a criatividade, competências fundamentais para sua futura atuação docente. Isso revela que a EaD, quando sustentada por metodologias que privilegiam a interação e a problematização, pode resistir à tendência de massificação e à lógica da transmissão, formando professores mais conscientes de seu papel social e cultural.

Nesse sentido, a experiência com *Quarto de despejo* confirma a pertinência de integrar práticas que articulem literatura e tecnologia, rompendo com a “educação bancária” e estimulando processos dialógicos de formação. A pluralidade de perfis observada demonstra que não há um único caminho para o letramento literário, mas múltiplas possibilidades de entrada no texto e de ressignificação da experiência de leitura. A prática do podcast torna-se, assim, metáfora e exercício de uma docência crítica: dar voz, escutar, articular sentidos e transformar narrativas em conhecimento compartilhado.

Considerações finais

A experiência relatada neste artigo evidencia as contradições e as potencialidades da formação docente em Letras na modalidade a distância. De um lado, a presença de turmas numerosas, a elevada taxa de evasão e a sobrecarga docente confirmam os limites de um modelo que, muitas vezes, responde mais às demandas da expansão neoliberal do ensino superior do que às necessidades formativas dos licenciandos. De outro, práticas inovadoras, como a produção de podcasts, demonstram que é possível tensionar essa lógica, promovendo uma formação mais crítica, dialógica e criativa.

Ao propor a leitura integral de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, e sua reelaboração em forma de podcast, buscou-se aproximar os estudantes de uma literatura engajada que, ao mesmo tempo em que denuncia as desigualdades sociais, afirma a potência da palavra como forma de resistência. O exercício revelou múltiplas respostas: resumos, análises críticas, confissões pessoais, criações artísticas e experiências híbridas. Cada produção se configurou como um gesto singular de leitura e de autoria, confirmando que a literatura, quando mediada por metodologias abertas, pode mobilizar tanto o pensamento crítico quanto a sensibilidade estética.

Os referenciais de Paulo Freire (2019), Roxane Rojo (2009), Michelle Petit (2019) e Teresa Colomer (2007) iluminam essa experiência. De Freire (2019), recupera-se a defesa da educação problematizadora, fundada no diálogo e na humanização; de Rojo (2009), a noção de letramentos múltiplos, que reconhece a diversidade de práticas culturais e comunicativas; de Petit (2019), a leitura como encontro íntimo e transformador; de Colomer (2007), a necessidade de formar leitores capazes de transitar entre livros e mundos. A experiência com o podcast materializa esses princípios, pois transforma o espaço virtual em lugar de encontro, autoria e escuta, onde a literatura se faz ponte entre vidas, territórios e memórias.

Em síntese, este trabalho reafirma que a formação de professores em Letras, mesmo na modalidade EaD, pode ser espaço de criação e de resistência. Para tanto, é preciso romper com a lógica da mera transmissão de conteúdos e investir em práticas que estimulem a autonomia intelectual, a autoria e o compromisso social. Mais do que um recurso tecnológico, o podcast, neste contexto, tornou-se símbolo de uma docência em construção: dar voz, escutar o outro, produzir sentidos coletivamente. Entre as páginas de

Carolina Maria de Jesus e as vozes dos licenciandos, ecoa a convicção de que a literatura ainda pode ser ferramenta de transformação e de libertação.

Referências

- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- PETIT, Michèle. *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.
- SILVA, Marco. Sala de aula interativa: a educação presencial e à distância em sintonia com a era digital e com a cidadania. In: INTERCOM — Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 24., 2001, Campo Grande. Anais... Campo Grande: INTERCOM, 2001.

Recebido em: 23 de setembro de 2025.

Publicado em: 20 de dezembro de 2025.